

CID BRANCO: O VIVER ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO E EXPRESSÃO DA ARTE

MARCIA GONÇALVES FREITAS DE AVILA¹; ROGÉRIA APARECIDA GARCIA²,
VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA³; CID FERNANDEZ CURTE
BRANCO⁴; MARIA DE FÁTIMA BUENO FISCHER⁵; LARISSA DALL'AGNOL DA
SILVA⁶

¹Universidade Federal de Rio Grande - marcia_gf22@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas - rogeruaeduc@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - valeriacoimbra@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - cidtropesso@gmail.com

⁵Universidade do Vale do Sinos - fischercunha@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - larissadallagnolto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão a partir da narrativa de Cid Fernandez Curte Branco, a arte de viver e interpretar a vida a partir das andanças do ator, diretor e estudante de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, popularmente conhecido como Cid Branco. Atualmente ele apresenta suas peças teatrais na rua e nas andanças do Movimento da Luta Antimanicomial. Tem uma trajetória pela Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, integrante do Fórum Gaúcho de Saúde Mental, ex-conselheiro do Conselho Estadual de Drogas do Estado do Rio Grande do Sul, ex-conselheiro do Conselho Municipal de Cultura de Rio Grande, ex-conselheiro do Conselho Municipal de Saúde de Rio Grande. Apresentamos aqui, com a palavra:

Eu, Cid!

Meu nome é Cid Branco, tenho 55 anos, nasci no ano de 1969, a minha trajetória se constrói através da minha ancestralidade, pelas coisas que já passei, que já vi e que passo ainda hoje e elas são feitas e protegidas pela minha ancestralidade. É a minha ancestralidade que me dá força pra seguir em frente. É os que vieram antes de mim. É o meu passado... onde, através do meu presente, eu construo o meu futuro.

E aí, quando eu nasci – eu sou filho de um médico recém-formado, que na época era recém-formado na Faculdade de Medicina da UFPel, e uma estudante de História, aliás de Estudos Sociais, na época, da Universidade Católica de Pelotas, dentro de um programa chamado Crédito Educativo, que depois de formada ela seguiria pagando até concluir [ela] ia pagar.

E isso se constrói, essa trajetória vai se construir, na verdade, a partir de uma necessidade, que é a necessidade que eu tive de ir pra rua. A mãe... eu... em 76, eu então com sete anos de idade, eu fui lavar carro, eu fui engraxar sapato, fui vender jornal. Fui trabalhar. E era muito engraçado porque eu ia pra rua de manhã engraxar sapato e vender jornal e de tarde eu tava na escola... E assim se construiu a minha vida, trabalhando, lutando.

Em 79, eu já era usuário de drogas, usava cola de sapato, eu vou, na verdade, eu vou conhecer um grupo de teatro chamado Grupo de Arte Expressão Espírita(GAEE) – Grupo de Arte e Expressão Espírita. Aí em 79, então com dez anos de idade, eu conheço também a tia Malu, e a tia Malu, ela tinha um grupo de

teatro no Centro Espírita União e lá, ela me... eu começo a conhecer esse tal de teatro aí. E aí eu me transformo, né, acho muito legal... porque eu me lembro que eu fui um dia desses, tava cheirado de cola, cheirado, e cola fede, né, cola exala cheiro e eu lembro que eu cheguei lá e a tia Malu me dá um abraço e diz “Que bom que tu veio.”. E aí começam as coisas na minha cabeça, né, “como que bom que eu vim? Eu tô cheirado de cola, eu tô chapado e as pessoas dizem que bom que eu vim?”. Tá beleza, continuamos. Daqui a pouco ela se vira pra mim e [diz] “Bah, que talento que tu tem, tu é muito bom!”, e eu [penso]: “Bah, na rua eu apanho, me batem e aqui me dizem que eu sou bom? Eu acho que é por aqui que eu vou ficar.”

E eu tava ali mais brincando de ser outra pessoa do que propriamente entendendo o que era a importância e a grandeza do que é o teatro. E aí eu acabo indo... tendo algumas complicações, acabo parando em instituições, dou um tempinho aí de um ano ou dois anos e volto pro GAEE. E se constrói toda a minha vida a partir daí, aos 18 anos, em 87 eu me profissionalizei, tirei a minha Delegacia Regional do Trabalho e virei o mundo fazendo teatro. Fui pra São Paulo, fui pro Rio, fui pra Bahia, fui pra esse mundão de Meu Deus fazer aquilo que eu mais gosto que é teatro. Um curso aqui, um curso ali e aí se transformou. E nessa trajetória... e vivendo também... vivendo muito também em situação de rua, que se ia pra rua, dormia, às vezes não tinha grana, não conseguia grana suficiente pra pagar hotel, pagar pousada e se ia pra rua.

E é nisso que eu construo a minha vida: trazendo a arte pra mim... e... acabando naquela bela e velha frase do Eduardo Galeano, né, “Eu não escrevo para aqueles que podem pagar o meu trabalho, eu não escrevo para aqueles que compram os meus livros. Eu escrevo para aqueles que não podem comprar os meus livros”. E eu, naquela mesma prática, fazendo teatro pra quem não pode, pra quem não pode pagar, fazendo teatro de rua, fazendo intervenção urbana, trabalhando pra quem não pode pagar. E passando meu chapeuzinho, vivendo de ajuda daqui, ajuda dali de pessoas que acreditam, e até hoje é assim, de pessoas que acreditam na minha arte, no meu trabalho. E assim a gente vira.

Mas eu quero dizer que através de tudo isso, dessa minha vida - e aí a gente pode construir outras formas de contar a minha história – mas essa história é a história da arte, não é minha história. Porque eu não fui escolhido... eu não escolhi o teatro, o teatro me escolheu, tanto que a primeira vez que eu me apresentei na minha vida foi no dia 27 de março de 1979, quando eu tinha dez anos. Aí anos mais tarde eu fui descobrir que o teatro é, na verdade, nada mais nada menos, aliás, que dia 27 de março, não é nada mais nada menos, que o Dia Internacional do Teatro e do Circo. E aí eu virei palhaço, virei ator de teatro, e assim se construiu, e assim que eu construo a transformação, usar o teatro, a minha linguagem artística, que é o teatro, como ferramenta de transformação em favor da equidade, da equidade de gênero... da igualdade, de uma equidade racial de transformação. Eu acho que é isso.

(...) E é assim que eu vivo...

Em 2015, quando eu achava que nada podia mudar na minha vida, eu fiz o ENEM pra terminar o Ensino Médio só, pra ter mais possibilidades, e eu aproveitei os pontos do ENEM e entrei pra universidade. Em março de 2015, eu estava entrando na UFPel com a cabeça erguida... saindo de morador de rua, saindo da situação de rua pra dentro de uma universidade... E é isso! É isso que eu faço da

minha vida: me transformar e me revolucionar a cada dia, a cada momento. E por isso sou ator, pra que possa trazer pras pessoas a capacidade de derramar as suas lágrimas e disso fazer um ato de rebeldia. Por isso eu sou palhaço, para que as pessoas possam ter a capacidade de rir e fazer de seu riso atos de resistência.

E assim eu vivo, colocando em prática, buscando colocar em prática a velha frase, a célebre frase da Rosa Luxemburgo: “Eu luto por uma sociedade socialmente igual, humanamente diferente e completamente livre e libertária, e o teatro é minha capacidade de auto me libertar.”.

Este trabalho objetiva narrar as andanças e transformações pelas quais o ator e diretor de teatro Cid Branco ousou sentir, ver e viver o mundo. Sua fala mostra, de forma poética, a coragem de ultrapassar seus limites e, sobretudo, sua resistência às dores, sua rebeldia em quebrar o padrão do sofrimento físico e psíquico.

2. METODOLOGIA

A narrativa foi coletada no dia primeiro de outubro de 2024 com a duração de 8min e 42s, a partir do Projeto de Extensão e Pesquisa “Cuidativa: Integralidade do Cuidado e Qualidade de Vida - Centro Regional de Cuidados Paliativos UFPEL - Ação: Biografias no Contexto dos Cuidados Paliativos (Ministrante)”. O Objetivo do presente projeto é Escutar as narrativas para a reconstrução das histórias de vida (biografias) das pessoas com sofrimentos que ameaçam a vida; estimular o bem estar e a felicidade através de atividades expressivas tais como, cinema (vídeos), teatro, música, dança, exposições artísticas, poemas, artesanato, leitura entre outros. Na ação chamada “Biografias: Reconstruindo Histórias de Vida”, realizada no Centro Regional de Cuidados Paliativos - Unidade Cuidativa de Pelotas. Autorizada narrativa pela Carta de Cessão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Sou palhaço para que o riso possa esconder as dores e os sofrimentos do mundo, sou ator para derrubar as máscaras da sociedade, sou artista porque eu quero dançar, atuar e interpretar um mundo sem dor, sem sofrimento
Quero dançar ao vento, sentir as gotas da chuva molhar meu rosto e soprar as cinzas do meu coração, quero meu pranto secado com confetes e serpentinas e que o turbilhão da vida passe numa orgia de sons, cores e arte
e assim eu sigo com as minhas vozes que me rotulam como esquizofrênico e mesmo sendo diagnosticado vou com minha arte transformar o mundo e assim reconstruir a sociedade em minha volta..” Cid Branco - Julho de 2024*

4. CONCLUSÕES

Concluimos que as coletas de narrativas deste projeto demonstram subjetividades em histórias de vida, através da construção de memórias de pessoas que contribuem com a luta por justiça social a partir da cultura e arte de

interpretar a vida real de pessoas comuns enquanto seres sociais. Pessoas estas que ainda são invisibilizadas pela sociedade e encontram-se à margem das políticas públicas e do convívio social. Assim, as andanças nos espaços de luta por cuidado em liberdade, se fazem fundamentais na arte de viver e interpretar a vida alheia. Desta forma, esse texto dá passagem a outras vozes, àquelas que estamos acostumados a não ouvir, cujas existências são negadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LUXEMBURGO, R. **Reforma ou Revolução? Tradução de Marcelo Backes**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006.